

Lúcio foi vestido de doze capas, para simbolizar as dozes esferas celestiais através das quais ele passava durante sua iniciação no culto de Ísis. Ele conta sua experiência ímpar nestes termos: "Eu avancei até as fronteiras da morte. Pisei o limiar de Prosérpina e, depois de passar por todos os elementos, eu retornei à terra... Estive na presença dos deuses em baixo e dos deuses em cima, e lhes prestei homenagem."³⁷

Nos primeiros tempos, portanto, o evangelho cristão andou pelas estradas da língua grega, do pensamento grego e das religiões gregas. E ele avançou bastante.

A RELIGIÃO JUDAICA

Romanos e judeus

De longe, a mais larga avenida para a expansão do cristianismo foi o judaísmo. Os judeus tinham se espalhado para bem longe dos limites da Palestina muito antes do primeiro século; e eles levavam sua religião para qualquer lugar que fossem. A dispersão dos judeus pelo Oriente começou com a queda do Reino do Norte de Israel no oitavo século a.C., ocasião na qual as dez "tribos perdidas" foram deportadas. No período helenístico a dispersão foi acelerada pela migração voluntária de judeus para as novas cidades do Oriente Próximo principalmente para fazer comércio. Egito, Síria e Ásia Menor eram as regiões preferidas.³⁸ Em meados do segundo século a.C. os judeus eram importantes o suficiente para merecer cartas de recomendação do Senado romano ao Ptolomeu do Egito e aos "reis" de diversas regiões da Ásia, como Panfília, Rodes, Chipre e Cirene.³⁹ Encontramos outro indício da dispersão do judaísmo em Atos 2, onde são mencionadas regiões tão diferentes como Creta e Arábia, Pártia e Egito, Pérsia e Panfília, de onde tinham vindo peregrinos a Jerusalém para a Festa do Pentecoste. Josefo nos conta que 10.000 judeus foram mortos no mesmo dia em Damasco durante o governo de Nero,⁴⁰ e que o povo judeu estava bastante espalhado por todo o mundo, com destaque para Antioquia e a Síria.⁴¹ Filo diz que no seu tempo havia mais de um milhão de judeus no Egito,⁴² mais ou menos à mesma época de Cristo. Isto equivaleria a uma oitava da população. Sua presença na Grécia e na Ásia Menor transparece claramente dos Atos dos Apóstolos. Em Roma também havia uma colônia grande e problemática.

Os primeiros contatos entre Roma e os judeus, de que temos conhecimento, ocorreram no tempo dos macabeus. Judas Macabeu enviou uma embaixada a Roma no ano 168 a.C., da mesma forma Jônatas Macabeu mais tarde, para estabelecer relações amigáveis.⁴³ Uma terceira embaixada, no ano 139 a.C., conseguiu um tratado com Roma,

sua presença. As vantagens eram tamanhas que mais tarde, em tempos de perseguição dos cristãos, judeus convertidos ao cristianismo se viam tentados a apostatar, pelos benefícios sociais e econômicos de que gozavam os judeus.⁴⁹

A atração do judaísmo

Os judeus não eram populares, mas eram influentes, e sua influência podia ser percebida nos escalões mais elevados da sociedade. Pouco depois da morte de Jesus a família real de Adiabene no Tigre converteu-se à fé judaica. Josefo foi hóspede honrado de três imperadores romanos. Popéia Sabina, a amante de Nero, simpatizava com os judeus, e parece que ela intercedeu por eles diante de Nero.⁵⁰ Nas camadas inferiores da sociedade a influência judaica deve ter sido considerável, apesar de menos documentada. Chegou a nós uma inscrição sobre um cativo de Jerusalém que era escravo de Cláudio;⁵¹ a esposa de Augusto, Lívia, tinha um escravo judeu chamado Acme,⁵² e Juvenal menciona três vezes (com repugnância) as características singulares dos judeus.⁵³ Não pode haver dúvida de que eles impressionavam bastante. Até mesmo Tácito, que não tem quase nada de bom a dizer sobre eles, estava impressionado com seu monoteísmo. “Os judeus conhecem somente um Deus, de quem eles têm uma concepção puramente espiritual. Para eles é ímpio fazer imagens de deuses em forma humana ou com material perecível.”⁵⁴ Este monoteísmo imponente, este culto ao único Deus Criador que será Juiz da humanidade, exercia uma atração poderosa sobre o mundo antigo, que estava, como já vimos, apesar de seu politeísmo oficial, direcionando-se para adorar a um só ser supremo. E, diferente do semi-monoteísmo de alguns dos filósofos, esta fé era defendida e sem dúvida também espalhada pelos judeus mais simples e iletrados, sem precisar da defesa de Filo ou Josefo para garantir audiência.

Além disto, enquanto os filósofos não sabiam dizer muito sobre o Deus sublime em direção ao qual estavam tateando, os judeus não tinham esta dificuldade. Platão tinha dito: “É uma coisa muito difícil encontrar o Criador e Pai do universo; e, mesmo achando-o, é impossível descrevê-lo para as pessoas.”⁵⁵ Os judeus tinham certeza de ter achado o único Deus verdadeiro—ou, melhor, de terem sido achados por ele. Deus não tinha obrigado os homens a procurá-lo no escuro; ele se revelara na história de Israel e nas Escrituras. Estas Escrituras podiam ser lidas em grego e hebraico há muito tempo. A Septuaginta tinha sido feita para atender às necessidades dos judeus helenizados de Alexandria. Alguém que procurasse a verdade honestamente podia encontrar tudo sobre Deus nela, apesar de ter dificul-

dades com a terrível tradução grega! Era o livro mais antigo do mundo; continha os oráculos de Deus. Quanto ao conhecimento dos gregos e romanos, todo ele derivava dos livros de Moisés. Podemos identificar esta linha de pensamento em Josefo, *Contra Ápio*, e ela foi adotada pelos apologistas cristãos.

Na mesma época da Septuaginta, surgiu o hábito de realizar cultos em sinagogas ou ao ar livre. Era um culto de estilo único entre as religiões antigas, com orações, cântico de salmos, leitura das Escrituras, acompanhada da exortação baseada nela. Era um culto muito mais interessante que uma cerimônia em um templo, em que os *haruspices* analisavam as entranhas de um animal. Era parecido com uma escola filosófica e atividade religiosa ao mesmo tempo, e isto atraía as pessoas. Josefo relata que em Antioquia, por exemplo, onde havia muitos judeus, um grande número de gregos era atraído aos cultos, e de certa forma se tornou parte da comunidade judaica.⁵⁶ Isto está bem claro nas páginas do Novo Testamento. Nas sinagogas havia judeus puros, prosélitos (devidamente circuncidados) e tementes a Deus (não circuncidados, mas seguidores devotos do judaísmo). É interessante que às vezes militares romanos, da força de ocupação, se juntavam à congregação, como Cornélio. Outro oficial ficou tão impressionado com a religião de Israel, onde estava prestando serviço, que construiu uma sinagoga em Cafarnaum.⁵⁷

Esta convivência de judeus, prosélitos, tementes a Deus e gentios também preparou o caminho para o evangelho, indiretamente. Ninguém podia ser um "filho de Abraão" no sentido mais completo se não tivesse nascido judeu. O Mixná orienta que na sinagoga o prosélito deveria orar "Ó Deus dos pais *deles*";⁵⁸ ele não estava e nunca estaria à altura deles. Na verdade até os judeus da dispersão, por estarem fora da terra Santa, perdiam em "status", porque não podiam cumprir alguns aspectos da sua religião, principalmente os sacrifícios. Mulheres e crianças também não eram cidadãos completos de Israel, pelo menos aos olhos do homem judeu, que agradecia a Deus todos os dias por não ter nascido mulher! O cristianismo eliminou todas estas distinções de classes, e isto fez com que ele decolasse no Império Romano, porque, por mais que os cidadãos romanos admirassem a religião e a moral judaicas, era-lhes difícil a humilhação de passarem a ser um cidadão de segunda classe, de um povo oriental e desprezado e vencido. Isto não era necessário para ser tornar cristão, pois todos passavam a ser irmãos, e diferenças de raça, sexo, educação e riqueza não tinham importância. Além disto o cristianismo, ao mesmo tempo em que conservava tudo o que atraía no judaísmo, dispensava as duas grandes pedras-de-tropeço judaicas, para o mundo greco-romano: *a circuncisão e as regras alimentares*. Para os gentios as regras alimentares eram

simplesmente ridículas. A circuncisão era muito pior: era uma mutilação—algo que se podia esperar de sectários selvagens e exóticos como os adeptos do culto de Cibele, mas de forma nenhuma de um romano. As substituir a circuncisão pelo batismo o cristianismo obteve uma vantagem enorme sobre o judaísmo, porque o batismo era parecido com as purificações com que os pagãos estavam acostumados.

Havia ainda outro aspecto em que os judeus prepararam o caminho para o evangelho: eles acostumaram o mundo antigo à idéia do proselitismo, da conversão a uma religião monoteísta exclusiva. Além do judaísmo não havia nenhuma outra religião naquela época que não deixasse espaço para outras crenças. O lema em relação aos deuses, nos tempos antigos, era “viva e deixe viver”. Afinal de contas, podia acabar sendo muito inconveniente ofender alguma divindade poderosa de um outro povo! Mesmo despertando surpreendente ceticismo entre os eruditos, a prática e os sucessos do proselitismo judeu nesta época são comprovados, com destaque, na literatura não-judaica. Horácio⁵⁹ e Juvenal⁶⁰ falam com cinismo do zelo proselitista dos judeus. Josefo faz referência ao zelo acentuado em cultos judeus em todo o Império, à conversão de muitos gregos, e ao tesouro considerável obtido por Jerusalém com o imposto do templo, de meio siclo, coletado entre os prosélitos⁶¹ Mateus não está exagerando quando diz que “rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito”.⁶²

Existia uma grande quantidade de literatura missionária, como os *Oráculos Sibilinos* (propaganda judaica em roupagem pagã), preparada para levar pagãos à fé.⁶³ Para o bom judeu isto era uma consequência natural da sua fé. Ele estava convencido da superioridade da sua religião, e por isso a transmitia a outros. Muitos rabinos incentivavam esta preocupação missionária. Hillel dizia: “Seja discípulo de Arão, seguindo a paz, amando a humanidade e trazendo-a à Lei.”⁶⁴ O rabino Eleazar chegou a dizer que “Deus dispersou Israel entre os povos com o único propósito de juntar prosélitos em grande quantidade ao seu redor.”⁶⁵ É claro que esta atitude esfriou consideravelmente quando os judeus começaram a ser perseguidos com empenho. A história foi bem diferente depois da queda de Jerusalém, e depois de Adriano ter esmagado a Grande Rebelião, mais tarde. Mas quanto ao primeiro século da nossa era, em sua maior parte, não pode haver dúvidas de que o proselitismo estava progredindo em grande estilo.⁶⁶ Rápido demais na opinião dos oficiais romanos que admitiam a posição legal e os privilégios dos judeus, mas não gostavam do seu proselitismo. Vez após vez lemos que eles foram expulsos de Roma, por imperadores sucessivos, porque aumentavam rápido demais em número.⁶⁷

O que será que os estimulava a este empenho missionário? Pode

paracer paradoxal, mas era seu exclusivismo. Com quanto mais seriedade os judeus criam (e eles o faziam com convicção cada vez maior desde o tempo de Antíoco Epifanes) que Israel era a única coisa com que Deus se importava, e que os outros povos estavam, como diz o autor de *2 Esdras* de forma insinuante, “a ponto de serem vomitados,” tanto mais eles se empenhavam para tentar salvar alguns tições do fogaréu. Desta forma chegamos a uma reação em cadeia. A perseguição levou os judeus por caminhos descritos pelos autores apocalípticos, de acordo com os quais todos os males seriam consertados no reino messiânico vindouro, Israel seria vingado e os gentios incrédulos destruídos. Isto, por sua vez, incentivou o proselitismo, porque ninguém podia pensar com uma consciência tranqüila no pequeno número dos salvos e na multidão dos perdidos, sem fazer algo para mudar a situação. Daí a preocupação crescente de atrair os gentios para debaixo das asas do povo de Deus.

Sem dúvida é algo perigoso generalizar uma fé tão diversificada como o judaísmo. As descobertas literárias e arqueológicas dos últimos cinquenta anos revelaram a complexidade desconcertante da fé e da prática de Israel. Grupos heterodoxos e sincretistas floresciam em todo o Oriente Próximo; o pensamento helênico e persa tinha penetrado até os círculos mais conservadores na própria Judéia. Mesmo assim estes elementos de monoteísmo ético, circuncisão, culto na sinagoga, leitura das Escrituras e proselitismo tinham destaque na maioria dos grupos que se chamavam judeus. E com tudo isto o judaísmo preparou o caminho do cristianismo.

A fé cristã teve o seu crescimento melhor e mais rápido em solo judeu ou, pelo menos, em solo preparado pelo judaísmo. A dispersão dos judeus, seu monoteísmo, seus padrões éticos, suas sinagogas e suas Escrituras, e não por último sua ênfase na conversão, todos estes eram detalhes importantes que preparavam o terreno para a fé cristã. Harnack diz que “esta dívida é tão grande, que quase pode-se dizer que a missão cristã é uma continuação da propaganda judaica”.⁶⁸ Quase, mas não exatamente. Porque isto seria deixar Jesus Cristo de fora.

NOTAS AO CAPÍTULO 1

1 Mateus 28.19.

2 Melito de Sardes escreveu: “Nossa filosofia nasceu entre bárbaros, mas chegou à floração entre vocês (romanos) no reinado grandioso de seu antecessor Augusto, e se tornou um sinal de bons tempos em seu Império, porque desde aquele tempo o poder dos romanos se tornou cheio de grandeza e esplendor.” Ele afirmou adiante que os destinos de Roma e da Igreja estavam tão ligados para o bem, que Marco Aurélio não devia perseguir a Igreja — era a ele que a apologia era dirigida (Eusébio, *História Eclesiástica* 4.26,5-11).

Encontramos o argumento de que Deus preparou a situação mundial especialmente para o advento do cristianismo ainda com mais clareza em Orígenes. "Porque 'a justiça surgiu em seus dias, e abundância de paz' começou com seu nascimento; Deus estava preparando os povos para sua instrução, de modo que estivessem sob o governo de um imperador, para que a hostilidade entre os povos, por serem muitos reinos, não dificultasse aos apóstolos de Jesus cumprir a ordem: 'Ide por todo o mundo.' Está bem claro que Jesus nasceu no reino de Augusto, aquele que uniu todos os reinos na terra em um só império. Se houvesse muitos reinos, isto teria atrapalhado a difusão do ensino de Jesus por todo o mundo, não só pela razão citada, mas porque em todos os lugares os homens estariam sendo obrigados a prestar serviço militar e lutar para defender seu país. Isto era assim antes do tempo de Augusto. Por esta razão, como poderia este ensino, que prega a paz e não permite nem mesmo que as pessoas se vinguem de seus inimigos, ter sucesso, se a situação internacional não tivesse mudado em termos globais, fazendo surgir uma atmosfera menos hostil, que Jesus encontrou quando nasceu?" (Orígenes, *Contra Celso*, 2.30).

3 Por exemplo Melito em seu argumento, mencionado acima, afirma que "a maior prova de que nossa fé floresceu para o bem junto com o império em seu nobre início é o fato de que não foi perseguida no reinado de Augusto, pelo contrário, foi ensinada de maneira esplêndida, gloriosa e justa, indo de encontro às orações das pessoas" (Eusébio, *H.E.* 4.26.8.).

4 "Salvador do mundo" e títulos semelhantes são freqüentes em inscrições de Augusto.

5 Virgílio, *Éclogas* 4.6.

6 *Res Gestae*, 34.

7 *Carmem Saeculare*, 50.

8 *Pacato orbe terrarum, restituta re publica, quieta deinde nobis et felicia tempora contigerunt* (Dessau, *Inscriptiones Latinae Selectae*, 8393).

9 *Anais*, 1.9.

10 Veja o artigo importante sobre "Estradas e comércio" de W.M. Ramsay no *Hastings Dictionary of the Bible* (Volume Extra), 1904, e o de M.P. Charlesworth, *Trade Routes and Commerce in the Roman Empire*.

11 *Corpus Inscriptiorum Graecarum*, nº 3920.

12 Horácio fala de *sermões utriusque linguae* (*Odes* 3.8.5), e o imperador Cláudio de *uterque sermo noster* (Suetônio, *Claudius* 42.1). Fica claro que mesmo na Itália o grego era mais que uma segunda língua, além do latim, enquanto que no Oriente era a língua universal.

13 *Institutio Oratoria*, 1.1.12.

14 Juvenal, *Sátiras* 6.186ss, e Márcial, *Epigramas*, 10.68.

15 *Atos* 21.37.

16 *Pex.: República*, 376ss.

17 A crítica ao politeísmo por parte dos filósofos gregos foi levada ao mundo latino por Cícero em *De Natura Deorum*, e esta obra foi usada muito por escritores latinos cristãos como Tertuliano, Minúcio Félix, Arnóbio e Latâncio.

18 *Fragments* 11-16, de Xenofanes, mostra que ele queria expor não somente a burrice intelectual do politeísmo grosseiro, mas também os seus efeitos moralmente degradantes.

19 Xenofanes, *Fragments*, 23.

20 Em Homero ele é muito mais forte que todos os outros deuses juntos (*Ilíada* 8.18-27). Já Hesíodo identifica suas ações com as dos deuses (*Obras* 42,47), e Ésquilo, no quinto século a.C., tem uma concepção nobre de Zeus como o governante moral todo-poderoso do universo (*Agamenom* 160ss).